

BERTHA LUTZ E MARIA LACERDA DE MOURA - UMA PARCERIA INUSITADA

Mônica Karawejczyk

Fundação Biblioteca Nacional

E-mail: karawejczyk@gmail.com

Resumo: Este artigo visa apresentar a parceria entre duas mulheres com o intuito de fundar uma associação feminina em 1920. As mulheres são Bertha Lutz e Maria Lacerda de Moura. A associação é a Liga para Emancipação Intelectual das Mulheres (LEIM), uma das primeiras a lutar pelos direitos femininos no Brasil. A carta fundadora da Liga será aqui analisada, bem como a aproximação e o distanciamento entre essas duas figuras emblemáticas do movimento feminista brasileiro.

Palavras-chave: Bertha Lutz; Maria Lacerda de Moura; LEIM.

Abstract: This article seeks to present the partnership between two women in order to establish a women's association in 1920, Bertha Lutz and Maria Lacerda de Moura. The association is the League for Intellectual Emancipation of Women, one of the first to fight for women's rights in Brazil. The founding letter of the League will be examined here as well as the approach and the distance between these two emblematic figures of the Brazilian feminist movement.

Keywords: Bertha Lutz; Maria Lacerda de Moura; LEIM.

Muito já se escreveu sobre Bertha Lutz e Maria Lacerda de Moura. Mulheres com propostas e visões de mundo diversas. Uma anarquista e a outra conservadora¹. Ambas com atuação marcante nas décadas de 1920 e 1930. Contudo, ainda pouco se sabe sobre a aproximação inicial de tais mulheres para fundar uma associação feminina no Brasil, a Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher (LEIM), bem como as nuances de seu afastamento pouco tempo depois. Apesar de ambas serem consideradas como fundadoras da Liga, no início de 1920, o contato entre elas foi sendo aos poucos rompido. Segundo a bibliografia consultada, isso teria ocorrido porque, enquanto Lutz “priorizava os cuidados com a ampliação dos direitos políticos e legais e com a melhoria da situação econômica da mulher dentro da sociedade brasileira” (HAHNER, 2003, p.291), Maria Lacerda de Moura “queria conscientizar as mulheres de sua condição de servidão à família e conduzi-las à participação social” (LEITE, 2005, p.17). Esse desacordo caracterizaria um conflito entre elas, uma vez que Lutz procurava integrar a mulher brasileira na sociedade vigente, solicitando os mesmos direitos que os homens, pelas vias legais, mas sem propor mudanças radicais na forma com que a mulher estava inserida, enquanto Moura procurava, por sua vez, expor a servidão que o sexo feminino estava vivenciando naquele momento e propunha uma revolução nos costumes. Este artigo é uma tentativa de se entender essa parceria inusitada.

Bertha Maria Júlia Lutz nasceu em São Paulo, em 1894, e “surgiu” no cenário público nacional no final da década de 1910. Era filha do renomado cientista Adolpho Lutz e da enfermeira inglesa Amy Fowler. Para a época em questão, teve uma educação esmerada e inusitada. Coursou o primário em São Paulo, antes da mudança de toda a família para o Rio de Janeiro, em 1908, quando o pai assumiu uma vaga no Instituto de Manguinhos a convite de Oswaldo Cruz, diretor do instituto na época. Ele decide enviar sua filha (com 14 anos na época) acompanhada pela mãe e o filho caçula de cinco anos, para prosseguir os seus estudos em Paris.²

Bertha completou seus estudos secundários na *Cours Bouchut* e logo a seguir ingressou na seleta *Faculté des Sciences* da Universidade de Paris – *Sorbonne*, na qual seguiu o curso de botânica, zoologia e evolução dos seres

1 O termo ‘conservadora’ e ‘anarquista’ foi empregado no texto para diferenciar as propostas de Bertha Lutz e de Maria Moura e devem ser compreendidos pela forma como essas mulheres passaram a ser referenciadas pela historiografia ao longo do século XX. Na época em que elas atuaram no mundo público brasileiro, ambas tinham uma atitude ousada (cada uma de sua maneira particular) ao expor suas ideias e lutas em prol da emancipação feminina, o que as diferenciava de outras mulheres.

2 Yolanda Lôbo (2010, p.24) conjectura que a ida de Bertha para estudar no exterior estava vinculada ao desejo de seu pai de torná-la sua assistente, de modo que a ida para Paris foi planejada por ser nessa cidade que estava o centro mais adiantado no campo das ciências naturais na época.

organizados, química biológica, filosofia e literatura, além de continuar seus estudos em música na *Scola Cantorum* (LÔBO, 2010, p.24-25).

Em 1918, ao retornar para o Rio de Janeiro, ela assume, em setembro, a condição de assistente do pai na seção de zoologia do *Instituto Oswaldo Cruz*, emprego em que Bertha ingressou como tradutora de forma não oficial, ou seja, sem participar de um concurso público, como destaca Yolanda Lôbo (2010, p.26). No ano seguinte, começou a colaborar com o periódico *Rio Journal*, na seção *Rio-Femina*, com matérias sobre a emancipação feminina, além de se dedicar a estudar para o concurso de secretário do Museu Nacional que ocorreria em julho.³ As matérias por ela escritas registravam seu interesse em mostrar para a opinião pública a “ideia de que os direitos da mulher não significarão um rompimento com a família, com o papel tradicional de mãe e esposa” (ALVES, 1980, p.101) e, também, em conclamar as brasileiras para a necessidade de se unirem para fazerem valer seus direitos. Bertha se posicionava em prol da emancipação da mulher, mas sem descuidar do seu papel de mãe e dona de casa, procurando, em seus escritos, reiterar que o papel doméstico da mulher não sofreria desgastes com os novos papéis que ela estava assumindo.⁴

Já Maria Lacerda nasceu em 1887, no interior da então província de Minas Gerais, e logo depois se mudou, com sua família, para a cidade de Barbacena (MG). Nesta cidade, fez seus estudos primários e a Escola Normal, na qual se diplomou em 1904, aos 16 anos. Seu pai era um livre pensador, espírita e membro da maçonaria, o que a influenciou durante toda a sua vida. Aos 17 anos casou-se, passando a se chamar Maria Lacerda de Moura e quatro anos depois (1908) iniciou a vida profissional como professora e, em 1912, como jornalista. É também dessa mesma época o seu envolvimento com campanhas de alfabetização e de obras de benemerência, todas na cidade de Barbacena. Em 1918, lançou sua primeira obra, *Em torno da educação*, baseada em crô-

3 Bertha Lutz foi convidada pelo jornal, em fevereiro de 1919, tal como aponta Branca Moreira Alves (1980, p.100-101). Segundo Yolanda Lôbo, Bertha também assinou algumas matérias no ano de 1919 com o pseudônimo de Gilberta Lutz e passou em primeiro lugar no concurso, assumindo o cargo em 3 de setembro de 1919. Exerceu o cargo de secretária até janeiro de 1936, quando mudou de posto. Foi a segunda mulher a ser admitida por concurso e nomeada para um cargo federal.

4 A primeira inserção de Bertha na imprensa parece ter sido o artigo publicado na *Revista da Semana* (RJ) na seção intitulada “Cartas de Mulher”, na edição de 28 de dezembro de 1918, na qual a responsável pela seção cedeu espaço para publicar uma carta de “uma distinta senhorita patricia, licenciada pela Sorbonne, filha de um ilustre cientista, e que atualmente trabalha no nosso mais glorioso instituto científico, recebi a carta que transcrevo e que considero uma das mais preciosas dádivas com que a generosidade das minhas patricias me tem estimulado no obscuro trabalho desta página de colaboração da ‘Revista da Semana’.

A minha modesta cultura sente se imerecidamente engrandecida pelas palavras de louvor desta brasileira que é a mais perfeita representante, entre nós, da ‘nova mulher’. Reservo-me para responder depois as considerações desta nobre carta, onde se afirma o elevado espírito de Bertha” (*Revista da Semana*, 28/12/1918, p.19). Essa carta é considerada por Rachel Soihet (2006) e June Hahner (2003) como a carta fundante do movimento feminista no Brasil.

nicas e conferências realizadas na sua cidade. Em 1919, publicou *Renovação*, sendo amplamente divulgado em outras cidades do país. A partir dessas obras, que divulgaram suas ideias de uma maior instrução para as mulheres como um instrumento para transformar suas vidas, foi convidada a dar palestras em Juiz de Fora, Santos, São Paulo e Rio de Janeiro e, através destas, fez contatos com jornalistas e escritores. Tais conferências, segundo Míriam Leite (1984), foram as responsáveis pela sua mudança para São Paulo, em 1921, onde permaneceu até 1928.⁵

Ao longo da vida, Maria Lacerda radicalizou suas ideias, passando a pregar o amor livre e a maternidade consciente, bem como denunciando o clericalismo, o problema da mulher celibatária e da prostituta, provocados pela família burguesa, e apregoando o individualismo. Buscou também conscientizar as mulheres acerca de sua condição de servidão à família.

O que aproximou duas mulheres de gerações diferentes e com propostas diversas de emancipação do sexo feminino? Na época em questão, outra mulher tinha seu nome veiculado pela imprensa da capital federal – Leolinda de Figueiredo Daltro, professora que, desde 1910, lutava em prol da emancipação feminina, chegando a fundar, em 1910, uma associação feminina, denominada Partido Republicano Feminino (PRF).⁶ O grupo formado em torno de Leolinda e do PRF era o mais execrado pela imprensa da época. Boa parte da imprensa carioca não se cansava em fazer chacota em torno do nome de Daltro, quase sempre a denominando como representante do *mau feminismo*, aquele que não devia ser seguido pelas mulheres brasileiras.

Bertha, em uma das suas primeiras manifestações sobre o tema da participação feminina no mundo público e da necessidade das mulheres se unirem para fazer valer seus direitos, exalta o papel das professoras “às quais a nação confia a educação de seus filhos, [pois essas] mostram que em nosso país também há mulheres de grande valor”. Para reforçar o seu argumento, ela faz questão de salientar que foram tais atitudes que a inspiraram a escrever e propor “canalizar todos esses esforços isolados, para que seu conjunto chegue a ser uma demonstração” e propõe que as mulheres unam suas forças para lutar por seus direitos, no que ela chama de “um ensaio de fundação de uma Liga de mulheres brasileiras”. Dando seguimento na referida proposta, explicita a sua

5 Maria Lacerda separou-se do marido em 1925, sendo que de 1928 a 1937 viveu na comunidade anarquista de Guararema (interior de São Paulo). Em 1937 voltou para Barbacena, onde permaneceu por um ano, logo se mudando para o Rio de Janeiro, localidade onde veio a falecer em 1945. Informações coletadas em Míriam Leite (1984; 2005) e Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil (2000, p.399-400).

6 Ver mais sobre a trajetória de Leolinda de Figueiredo Daltro em, por exemplo, Elaine Rocha (2002), Teresa Novaes Marques (2004), Hilda Pereira de Melo e Teresa Novaes Marques (2000) e Mônica Karawejczyk (2013).

visão do que deveria ser tal Liga, fazendo-o de maneira a deixar claro o que ela não deveria ser, ou seja,

[...] uma associação de 'sufragetes' para quebrarem as vidraças da Avenida, mas uma sociedade de brasileiras que compreendessem que a mulher não deve viver parasitadamente do seu sexo, aproveitando os instintos animais do homem, mas que deve ser útil, instruir-se e a seus filhos, e tornar-se capaz de cumprir deveres políticos que o futuro não pode deixar de compartilhar com ela. (*Revista da Semana*, 28/12/1918, p.19).

Tudo leva a crer que foi a busca de uma não vinculação com o grupo da professora Daltro, que estava recebendo críticas negativas da imprensa no final da década de 1910, que levou Bertha Lutz a entrar em contato com outra professora, Maria Lacerda de Moura, que vinha tendo o seu nome veiculado na imprensa da capital federal com palavras elogiosas, como ilustra a matéria publicada no jornal *O Paiz*, que assim a apresentou ao público carioca: “a senhora Maria Lacerda de Moura é uma incansável educacionista mineira que se tem esforçado de um modo inteligente e digno de aplausos, pela vitória do que se costuma chamar o *feminismo* em nossa pátria” (*O Paiz*, 04/01/1920, p.3).

Segundo informa June Hahner (2003, p.288), foi durante a estada na Europa que Bertha conheceu de perto a campanha pelo sufrágio feminino na Inglaterra. Sobre essa fase da vida de Bertha, Rachel Soihet (2006, p.17) destaca que ela se interessou tanto pelo movimento, que “manifestou o desejo de participação no movimento feminista, ali desenvolvido, antes da guerra, sendo impedida por sua mãe, natural daquele país, que lhe alertou de sua condição de menor e estrangeira”. Fato que Susan Besse (1999, p.184) corrobora ao salientar: “Lutz foi influenciada por movimentos feministas europeus e que, ao voltar ao Brasil, empenhou-se na tarefa de organizar as mulheres brasileiras para lutar por sua emancipação social, política, econômica e intelectual”. A própria Bertha Lutz, em entrevista concedida a Branca Moreira Alves, na década de 1970, descreveu o seu interesse em participar do movimento sufragista enquanto estava no exterior, pois segundo ela:

Eu sempre me interessei muito, porque quando estive na Inglaterra antes da guerra vi a campanha feminista e achava muito interessante. Minha mãe não participava, mas eu disse que queria ir também. Ela disse: ‘Você não pode ir. Elas têm razão, mas você não pode ir porque você não é inglesa, e a campanha está muito braba, de vez em quando elas vão presas e você como vai ficar, uma menor que não é inglesa.’ E não me deixava ir... (ALVES, 1980, p.104).

Nota-se, no excerto acima, que a mãe de Bertha, apesar de não deixar a filha participar das manifestações na Inglaterra quando da sua estada naquele país, não as condenava, dando mesmo razão às mulheres que reivindicavam os seus direitos. Com o retorno para o Rio de Janeiro, Bertha passou a se dedicar

à luta pela valorização do papel feminino perante a sociedade, sendo convidada a expor as suas ideias na imprensa.

Em 1918, Leolinda Dalto, com a justificativa de que a Constituição não excluía as mulheres do quesito eleitor no Brasil, requereu alistamento eleitoral, tendo o mesmo sido negado em 1919. Ela passa então a desenvolver uma nova abordagem na sua luta e lança, no mês de agosto, sua candidatura ao cargo de intendente municipal pelo primeiro distrito da cidade do Rio de Janeiro (*Gazeta de Notícias*, 23/08/1919, p.5). A própria Leolinda avaliou a sua candidatura como “uma inovação e [...] um primeiro passo no sentido de nossa verdadeira emancipação política” (*A Noite*, 24/09/1919, capa).⁷ Contudo, essa sua tentativa também foi ridicularizada pela imprensa, tal como se pode perceber em duas matérias publicadas no periódico *Gazeta de Notícias*. A primeira delas, em seis de outubro, assim descreve a professora:

quando se vai ao Gabinete do Prefeito Municipal, aí por volta das três ou quatro da tarde, costuma-se encontrar uma senhora já bastante entrada em anos, de modos e ademais pouco femininos, falando alto e dizendo, com ríspida franqueza, verdade a toda a gente... Toda a gente ouve essas verdades e sorri... Essa senhora é, nem mais nem menos, a professora Dalto. Quem não a conhece? [...] ela se revelou desde logo uma lutadora. [...] Fundou [...] o Partido Republicano Feminino, de que fazem parte ela e mais duas senhoras [...]. Ei-la, pois agora, candidata a intendente municipal. Tenho ouvido a tal respeito comentários que não trepido em qualificar de torpes. [...] Riem-se da professora, porque não são capazes de compreendê-la. [...] Mas a professora saberá vencer todas essas e outras tentações que surgirem. É uma mulher forte e digna. Um pouco violenta, sim, mas é d'antes quebrar que torcer. (*Gazeta de Notícias*, 06/10/1919, p.2).

Vinte dias depois, na capa da sua edição, o jornal dá destaque para o que considera o lado cômico da eleição representado pela figura de Dalto:

[...] uma nota cômica nos sorrirá hoje: por entre o tumulto das sessões eleitorais vai surgir-nos, como um astro que se levanta, o carão da professora Dalto, *deitando a perder inteiramente, num ridículo total, a causa do feminismo*.

Que homem assaz imprudente quererá sufragar tal nome, para depois se ver na obrigação de chamar de “minha eleita” uma tão distinta senhora, que há tanto tempo já passou para o terceiro sexo? [...] Eleições políticas, cousa grosseira, só convém aos homens e nem todos as sabem compreender [...]. (*Gazeta de Notícias*, 26/10/1919, p.1, grifo nosso).

7 O jornal *Gazeta de Notícias*, na sua edição de 27 de outubro de 1919, relata que Dalto participou efetivamente da eleição, pedindo votos na frente das sessões eleitorais (p.3-5). Na apuração dos votos ela aparece como tendo conseguido um voto na 5ª seção de Lagoa e 2 na 3ª seção de Sacramento (p.5). O jornal *Correio da Manhã* informou que Leolinda Dalto obteve mais de 1700 votos quando “disputou um lugar no Conselho Municipal” (*Correio da Manhã*, 08/01/1920, p.3).

No dia da votação, esse jornal captou dois comentários sobre a candidatura da professora. O primeiro narra uma suposta discussão que ocorreu entre dois eleitores na seção de Guaratiba, ao qual o jornalista dá como causa o fato de um dos homens ter “comentado chistosamente a candidatura da professora Daltro”, assim descrita pela matéria: “uma mulher que fala pelos cotovelos e que tem voz de trovão não pode absolutamente ser boa coisa” (*Gazeta de Notícias*, 27/10/1919, p.5). A outra nota publicada pelo jornal, sobre a candidatura de Daltro, assinalou que na 2ª seção de Andaray os eleitores, depois de votar, estavam comentando sobre tal candidatura, mas sem entrar em detalhes sobre o teor dos mesmos (p.4). Os jornalistas da *Gazeta* chegaram a encontrar, nesse mesmo dia, Leolinda percorrendo as seções eleitorais e solicitando votos, e assim narraram um desses encontros, ocorrido na 3ª seção de Sant’anna, para seus leitores:

Ouvimo-la ligeiramente, fazendo aquela candidata absoluta questão que se frisas-se não ter desistido de sua candidatura em qualquer dos distritos, como falsamente se propagou. Ao que se dizia a professora Daltro obterá várias dezenas de votos nas três seções de Sant’anna. (*Gazeta de Notícias*, 27/10/1919, p.3).

O que se percebe, na análise dessas matérias, é que, apesar de seus esforços, a campanha de Leolinda Daltro estava sofrendo uma ridicularização dos seus atos e de sua pessoa. Ela, ao ousar se imiscuir de forma tão evidente na cena política, “boa coisa não podia ser”, como salientou o eleitor aludido numa das matérias. De modo que o fato de Bertha Lutz nem ao menos citar o nome de Daltro nas suas manifestações através da imprensa parece ser justificado pelo seu desejo de não ter qualquer vinculação de sua campanha pela emancipação da mulher com a campanha levada a cabo por Daltro e ter procurado se associar com outra professora, Maria Lacerda de Moura.

Segundo Míriam Lifchitz Moreira Leite (2005, p.15), Maria Lacerda de Moura “através da vida, foi educadora, convencida de que a educação é uma força revolucionária e de que sua missão seria exercê-la”. Interessante observar que Bertha Lutz tenha buscado apoio para suas ideias em uma mulher que, em maio de 1920, havia concedido a um periódico do Rio de Janeiro uma entrevista em que afirmava:

Detesto tudo quanto se refere à política. Acho que não votarei nunca. O sufrágio universal (!) é uma burla, todos o sabem. Se conseguíssemos um *grupo feminino excepcional* para representar os nossos interesses no Parlamento – seria ótimo. Não creio muito que isso se dê. O regime é dos incompetentes e medíocres... *A mulher para intervir nos governos, nos destinos dos povos, deve ter largo ecletismo, inteligência aguda, ilustração vasta e, principalmente, elevação moral, independente de partidos e paixões sectaristas de qualquer espécie.* Infelizmente esse tipo de mulher ainda não surgiu em nosso país. Em outras quaisquer condições, o voto para a

mulher (como para o homem), é elemento desmoralizador. (*O Jornal*, 15/05/1920, p.3, grifo nosso).

Apesar desse contundente posicionamento sobre a questão do voto de Maria Lacerda de Moura, apenas três anos depois dessa manifestação, em 1923, uma contemporânea de Moura relatou que ela fez “longa e franca propaganda do sufrágio feminino”.⁸ O que se pode depreender da trajetória de Maria Lacerda, no início da década de 1920, é que ela parece ter encontrado na figura de Bertha o que apontava como o novo “tipo de mulher” que almejava para “intervir nos governos” e a possibilidade de formar o que ela denominou de “um grupo feminino excepcional”. Míriam Leite (2005) afirma que Maria Lacerda, desde 1919, acompanhava as conquistas de Bertha Lutz através das notícias que chegavam da capital federal à cidade de Barbacena, onde Moura residia na época, e que ela também chegou a incluir comentários elogiosos ao empenho de Bertha “em seus primeiros livros, *Em torno da educação* (1918) e *Renovação* (1919)” (LEITE, 1984, p.37).

Um conjunto de cartas – preservadas no fundo da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) no Arquivo Nacional – atesta que Bertha Lutz e Maria Lacerda de Moura mantinham um relacionamento próximo e que, pelo menos por um tempo, início da década de 1920, ela compartilharam de um mesmo ideal – a emancipação feminina. Em uma dessas primeiras cartas, datada de 21 de outubro de 1920, Maria Lacerda inicia sua missiva com as palavras *Minha cara amiguinha*,⁹ explicitando que essa era uma resposta a um anterior contato feito por Bertha, tal como se percebe no trecho inicial da carta: “[...] acabo de ler sua gentil cartinha na qual deixa, como sempre, transparecer todo o seu sagrado entusiasmo pela causa da emancipação feminina. Isso é animador [...]” (Carta manuscrita de Maria Lacerda de Moura a Bertha Lutz, 21/10/1920. *Arquivo Nacional – Fundo FBPF – Documentos Privados, Seção Administração, Correspondências, Maço 5*).¹⁰ Nessa carta, se pode perceber a troca de informações e a confiança compartilhada entre elas, deixando claro que Bertha havia entrado em contato

8 Referência feita a um artigo publicado no jornal anarquista *A Plebe*, em 27 de setembro de 1923, de autoria de Isabel Silva, no qual a articulista dá a sua opinião sobre a atuação feminista de Maria Lacerda de Moura (apud LEITE, 1984, p.40).

9 Na época, Bertha tinha pouco mais de 26 anos, enquanto Maria contava com 33, o que não justifica o diminutivo empregado, a não ser como uma forma carinhosa de expressão. Tal relação amistosa entre Maria Lacerda de Moura e Bertha Lutz aparece refletida em várias cartas trocadas entre elas nos dois anos iniciais da década de 1920. Apesar de Maria Lacerda de Moura ser muitas vezes citada como cofundadora da LEIM junto com Bertha Lutz (BESSE, 1999, p.200; SCHUMAHER; BRAZIL, 2000, p.399), essa carta ainda não havia sido divulgada por nenhuma das autoras citadas. June Hahner (1981, p.102-103; 2003, p. 289-290) apresenta apenas um pequeno trecho dessa carta no seu livro.

10 A referida carta de Bertha não foi encontrada no arquivo pesquisado, que contém apenas as cartas enviadas por Maria Lacerda de Moura. A pesquisa no fundo da FBPF foi realizada em maio de 2010, que na época estava em reestruturação e todas as referências a ele são anteriores à nova catalogação feitas pela equipe do Arquivo Nacional.

com Maria Lacerda de Moura para convidá-la para dar uma conferência no Rio de Janeiro.

Como apresenta Miriam Leite (1984; 2005), desde 1918 a professora Lacerda estava se dedicando a externar suas ideias através de conferências proferidas em Barbacena. Tais palestras versavam em torno da educação como uma forma de emancipação intelectual feminina e podem ter atraído Bertha, que também pregava esses mesmos ideais, como já se aferiu anteriormente. Inclusive as cartas trocadas entre elas, no ano de 1920, parecem mesmo ser parte de um tipo de “cartas fundantes” da Liga, como se pode acompanhar no trecho destacado:

Tratemos do movimento feminista de que fala. Acho que tem razão: precisamos outra coisa além das Associações Cristã ou Legião da Mulher. O meu modo de ver é o seguinte: não se trata agora de limitado campo como sejam – escolas domésticas ou estabelecimentos de filantropia ou qualquer coisa de caráter local – o que de modo nenhum soluciona a questão. A associação cristã como a Legião tem ainda limitado círculo de ação. Eu desejaria coisa muito mais ampla. (Carta manuscrita de Maria Lacerda de Moura a Bertha Lutz, 21/10/1920. Arquivo Nacional – Fundo FBPF – Documentos Privados, Seção Administração, Correspondências, Maço 5, grifo no original).

Nessa mesma carta Maria Lacerda dá a conhecer as características que essa nova associação deveria ter, segundo sua percepção, para se destacar no cenário nacional. Para ela, Bertha deveria ter um cuidado especial na escolha do que chamou de “núcleo central” da associação, que deveria agregar

Todas as energias intelectuais femininas e até masculinas de boa vontade para a formação de um pequenino exército de propagandistas da educação nacional e científica da mulher para a sua perfeita emancipação intelectual. [...] o plano deveria ser a [...] propaganda ativa em todas as principais cidades do interior arregimentando as mulheres todas num gesto de solidariedade. Propaganda pela imprensa: pelo menos boletins quinzenais em grande quantidade espalhadas por toda parte.

No trecho acima apresentado, alguns dados merecem ser destacados; dentre eles, o fato de que Maria Lacerda não desdenhava a contribuição masculina para a causa feminista, pelo menos para os quadros da referida associação. Outro dado a se destacar é que Moura apostava muito na propaganda e na penetração das ideias veiculadas através da imprensa de modo muito semelhante ao perpetrado pela própria Bertha, que também se utilizava desse meio para propagar as suas ideias. Mais adiante, na sua carta, Lacerda traçou qual deveria ser a proposta de associação, seu foco, seu objetivo que não deveria ser outro que não o de ampliar o movimento para além da capital federal. Contudo, para atingir essa meta, ela lembra a Bertha que: “o problema seria exatamente esse, fazer correr um frisson de entusiasmo por todos os recantos

desse grandioso Brasil” (grifo no original), de modo que a associação feminina, para alcançar seu objetivo, primeiro deveria buscar a educação e a emancipação da mulher. Assim, ela propõe a Bertha:

Que tal a ideia da fundação no Rio desse núcleo de propaganda e desse sistema de trabalhar pela emancipação da mulher patrícia? Estamos todas trabalhando dis-persivamente e *as mulheres não sabem bem o que querem. Ensinar-lhes o objetivo, a ação, o modo de vencer* – eis o que devemos tentar. (grifo nosso).

No trecho em negrito, nota-se certa orientação autoritária e mesmo paternalista na proposta de Lacerda, uma vez que veicula a ideia de que a grande maioria das mulheres precisaria de orientação externa de alguém mais bem capacitado para “ensinar-lhes o objetivo”. Ponto também destacado em outro trecho da carta, no qual Maria Lacerda expõe quem poderia dirigir a associação:

Não sei bem o que pensa a respeito, mas, quanto a mim, digo - o sem reservas, com a confiança que me merece: não acho muitas brasileiras capazes de dirigir esse movimento e digo ainda – poucos brasileiros estão [...] de alcançar esse plano de ação [...].

Bertha parece ter seguido esse conselho de Maria Lacerda, uma vez que realmente restringiu o acesso aos cargos mais elevados das suas associações, tanto a LEIM quanto a sua sucessora a FBPF, a um grupo restrito de mulheres com alta escolaridade e/ou das camadas mais elevadas da sociedade. Tal prática seria, inclusive, uma das maiores críticas feitas por estudiosos ao movimento organizado feminino liderado por Bertha Lutz. Susan Besse (1999, p.194), por exemplo, declara que: “as mulheres profissionais que compunham a diretoria da FBPF falavam em nome das mulheres da classe operária, ao invés de mobilizá-las para que falassem por si próprias [...]” e Branca Moreira Alves (1980, p.113) também é de opinião que Bertha Lutz foi uma “líder autoritária [...] fechando o movimento ao acesso de outras classes sociais”. Em 1920, a proposta defendida por Maria Lacerda para a criação da nova associação também ressaltava que:

Enquanto a mulher patrícia estiver sob a tutela do padre - impossível a sua emancipação. Portanto é preciso um trabalho enérgico, perseverante, jeitoso para des-viá-la aos poucos dessa escravidão mental. (Carta manuscrita de Maria Lacerda de Moura a Bertha Lutz, 21/10/1920. Arquivo Nacional – Fundo FBPF – Documentos Privados, Seção Administração, Correspondências, Maço 5, grifo no original).

A questão religiosa como uma barreira para o pleno desenvolvimento feminino foi um tema constante nos escritos de Maria Lacerda de Moura. Pelo que informa Míriam Leite (1984), ela se vinculou ao espiritismo por influência paterna, e essa associação teria sido a responsável por tê-la feito perceber as limitações que a doutrina religiosa impunha às mulheres. Para Leite, “Maria Lacerda

percebeu rapidamente que a liberdade a que aspirava precisaria levar em conta as fraturas religiosas e morais das pessoas ao redor. Dentro de cada uma e das instituições, existiam conflitos nem sempre manifestos” (LEITE, 2005, p.16).

O último ponto de destaque nessa carta é o que deixa entrever que o próprio nome da nova associação parece ter sido sugerido por Maria Lacerda. Esse ponto pode ser depreendido em outro trecho da carta, quando Moura escreveu que “Se quer incentivar a fundação dessa Liga Brasileira para a emancipação intelectual feminina”. Ao lado dessa frase aparecem rabiscadas as palavras “Bom título”, o que parece ser um indício de que Bertha não tinha ainda nomeado a sua associação, que, como vimos, foi “batizada” com o nome de Liga para Emancipação Intelectual da Mulher – LEIM.

Na sequência da carta, Maria Lacerda se colocou à disposição para apresentar tanto o seu programa para a associação quanto a fazer uma conferência no Rio de Janeiro, lembrando a Bertha que, depois desse ato fundador, “ficará no Rio minha amiguinha para continuar a obra. Em Minas serei uma das combatentes. Com outros elementos, poderá organizar a reunião, falará também e ficará inaugurado o movimento emancipador” (carta manuscrita de Maria Lacerda de Moura a Bertha Lutz, 21/10/1920. *Arquivo Nacional – Fundo FBPF – Documentos Privados, Seção Administração, Correspondências, Maço 5*).¹¹

Em outra carta remetida por Maria Lacerda para Bertha Lutz, datada de 29 de outubro de 1920, encontram-se maiores detalhes das propostas de Lacerda para a futura associação. Moura continuou na mesma linha argumentativa da missiva anterior, abordando com mais vagar os mesmos assuntos, tais como a questão da igreja católica e o sufrágio feminino. Sobre estes, especificadamente elaborou um arrazoado no qual salientou:

Precisamos de mulheres que pensem e no Brasil são pouquíssimas os espécimes desse gênero. Ainda mais porque se à mulher brasileira fosse dado o direito de voto, seria dar mais asas ao Clero e lá subiria o elemento católico. Seria o caos. (Carta manuscrita de Maria Lacerda de Moura a Bertha Lutz, 29/10/1920. *Arquivo Nacional – Fundo FBPF – Documentos Privados, Seção Administração, Correspondências, Maço 5*, grifo no original).

Maria Lacerda chegou a sugerir que Bertha elaborasse “uma lista das escritoras brasileiras e verá se conseguimos entre elas 3 ou 4 livre pensadoras e emancipadas de verdade” (grifo no original). Nessa carta, percebe-se tanto a pouca fé que Moura depositava nas suas “patrícias”, quanto seu desprezo pelo clero e pelo domínio que, segundo a sua percepção, tal instituição exerceria sobre a mulher, tal como destacado neste trecho: “sabe bem que o clero

11 A conferência na cidade do Rio de Janeiro não é mencionada nos livros de Miriam Leite (1984; 2005).

não quer a nossa emancipação. A mulher é [toda] a sua arma de combate reacionário à ciência, do progresso”. Nesse sentido, Míriam Leite (1984, p. XV) informa que Maria Lacerda de Moura “tomou consciência da questão [da condição feminina] numa pequena cidade onde o clero católico mantinha o controle sobre o ensino e as relações familiares e sociais”, o que pode explicar a sua recomendação tão veemente de afastar a mulher da influência do clero. Bertha Lutz poderia não perceber da mesma forma essa questão, uma vez que passou parte de sua vida em grandes cidades e sua formação – de forma diferenciada de Lacerda – se deu em grandes centros, tais como São Paulo, Rio de Janeiro e Paris.¹² Esse seria um ponto de discordância entre Lutz e Lacerda, uma vez que, segundo Leite (1984, p. XVI), “embora mais lembrada pelas suas apresentações audaciosas do direito da mulher ao amor, de sua livre escolha e da maternidade consciente [...] a linha de feminismo de Maria Lacerda é a da participação feminina na luta contra a tirania clerical e fascista”.

Em outro trecho dessas cartas, percebe-se mais uma vez a troca de informações entre as duas personagens, principalmente no trecho em que Maria Lacerda parece responder a uma pergunta de Bertha:

[...] tem razão quanto a direção um tanto individual e bem orientada para a nossa futura associação, se assim não for haverá fracasso [...]. Penso mais ou suponho que essa primeira diretoria deve ser [muitíssimo resumida] e por grande espaço de tempo. [...] Assim pensemos nos poucos homens que nos podem auxiliar e em três ou quatro mulheres que de fato pensem e possam agir conosco. (Carta manuscrita de Maria Lacerda de Moura a Bertha Lutz, 29/10/1920. *Arquivo Nacional – Fundo FBPF – Documentos Privados, Seção Administração, Correspondências, Maço 5*).

Outro ponto levantado nessa missiva parece mais uma admoestação para Bertha, uma vez que Maria Lacerda declara: “Nada de fazer assembleia geral para escolha da diretoria. Na primeira reunião deve já estar deliberado, não acha?” Bertha parece ter levado a sério tais conselhos, uma vez que, como já destacado, a diretoria da LEIM foi composta por poucas e bem escolhidas mulheres cultas da sociedade.

O papel de Maria Lacerda de Moura assim foi descrita por Bertha em dezembro de 1920, em carta remetida a Mrs. Chambers,

Minha amiga Maria de Lacerda Moura [sic] uma das mais entusiásticas feministas nesse país, recentemente deu uma conferência em Belo Horizonte [sic] sobre ‘Mulheres e Trabalho’ ante uma grande plateia de intelectuais e trabalhadores e foi um grande sucesso. A meu convite ela está vindo para o Rio na próxima semana para dar outra palestra para a Liga, da qual ela é um membro ativo; ela irá falar

12 No caso de Bertha também deve ser levado em consideração o fato de sua mãe ter se convertido ao catolicismo quando ainda solteira na Inglaterra.

sobre a Emancipação Intelectual da Mulher. Esta será, espero, a primeira de uma série de conferências patrocinadas pela Liga. (Carta datilografada de Bertha Lutz a Harriet Chalmers Adams, 18/12/1920, *Arquivo Nacional - Fundo FBPF*, Cx. 8, Pac. 1, Dossiê 3, original em inglês).¹³

O conteúdo dessa carta mais do que justifica uma nota publicada no jornal *O Paiz*, em março de 1921, intitulada “O feminismo no Brasil julgado em Nova York”, que retrata tanto Bertha Lutz quanto Maria Lacerda de Moura como as “verdadeiras” líderes do movimento feminista brasileiro, como se percebe na leitura do trecho abaixo:

noticiam os jornais de Nova York, que por ocasião de uma conferência sobre *A Mulher na America Latina*, realizada em Nova York, pela Sra. D. Chalmers Adams, fez a ‘leader’ feminista e notável escritora elogios à cultura feminina no Brasil. Falando no movimento feminista entre nós, fez especial referencia à Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher e ao trabalho de Bertha Lutz e Maria Lacerda de Moura, respectivamente presidente da liga e representante da mesma em Minas, aclamando-as como as verdadeiras ‘leaders’ do feminismo no Brasil. (*O Paiz*, 30/03/1921, p.7).

Levando-se em conta as evidências referendadas, não parece ser demais considerar essas cartas, bem como a conferência de Maria Lacerda no Rio de Janeiro, como os atos fundadores da LEIM. No que diz respeito à palestra na capital federal proferida por Lacerda, apesar de não ter sido mapeada no estudo feito por Míriam Leite (1984; 2005), foi possível rastreá-la através dos jornais pelas datas referidas nas correspondências trocadas com Lutz, e é dela que passo a tratar agora.

A recepção da primeira conferência da Liga recebeu destaque na imprensa, sendo comentada em boa parte dos periódicos cariocas. Em 19 de dezembro de 1920, o jornal *O Paiz* (p.6) publicou uma nota sobre o fato, e em 22 de dezembro noticiou a chegada de Maria Lacerda:

[...] que a convite da Liga para a emancipação intelectual da mulher veio realizar uma conferência organizada por aquela associação. A distinta escritora e ‘leader’ feminista foi recepcionada na ‘gare’ da Central por uma comissão de senhoras, na

13 A referida palestra ocorreu na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, e não em Belo Horizonte, como informado por Bertha Lutz. Harriet Chalmers Adams era uma conhecida exploradora, fotógrafa e escritora estadunidense. Nascida em 22 de outubro de 1875, percorreu boa parte da América do Sul, Ásia e o sul do Pacífico, no começo do século 20, publicando suas aventuras na revista *National Geographic*. Foi correspondente da *Harper's Magazine* na Europa durante a Primeira Guerra Mundial, sendo a única mulher correspondente a quem foi permitido visitar as trincheiras. Foi a primeira presidente da *Society of Woman Geographers* fundada em 1925. Faleceu aos 62 anos de idade, em 1937, na França. Em 1919, Harriet Adams esteve no Rio de Janeiro tirando fotografias da capital federal, publicadas no exemplar de setembro de 1920 da *The National Geographic Magazine*. Em suas andanças pela capital federal, Adams encontrou-se com a família Lutz, o que explica uma carta enviada em novembro de 1920 para Bertha, solicitando informações sobre “seu clube desde minha partida do Rio”, tal como se lê na primeira das cartas que compõem o referido dossiê. (Carta datilografada de Mrs Adams a Bertha Lutz, 06/11/1920, *Arquivo Nacional - Fundo FBPF - Documentos Privados, Seção Administração, Correspondências*, Cx 8, Pac 1, Dossiê 3, original em inglês).

qual figuravam, entre outras, as Sras DD. Bertha Lutz, Amanda Alberto e Corina Barredos. (*O Paiz*, 22/12/1920, p.5).

Maria Lacerda concedeu várias conferências na cidade do Rio de Janeiro, sendo que a principal delas ocorreu no domingo à noite, dia dois de janeiro, no *Lyceu de Artes e Ofícios*, para a LEIM.¹⁴ Esta impactou na imprensa de formas diversas que deu ampla divulgação à conferência de Maria Lacerda de Moura.

Periódicos como *O Imparcial* e a *Gazeta de Notícias* deram destaque em matérias comentadas com fotografias e o jornal *O Paiz* fez um breve resumo do seu conteúdo na seção “Vida Social”, além de fazer comentários sobre a presença de Maria Lacerda de Moura em eventos das lojas maçônicas e da sociedade theosophica, na seção “Religião” do jornal, em 8 e 11 de janeiro. A leitura das matérias dos jornais do dia três de janeiro também deixa perceber o grande número de pessoas que compareceu a essa primeira conferência da LEIM, que foi franqueada a todos os interessados em participar. Em uma das imagens divulgadas no jornal *O Imparcial* (03/01/1921, p.3) se tem um instantâneo de parte da plateia da conferência, e nesta se percebe a presença masculina e feminina. E sobre a audiência da palestra, assim se pronunciou o jornal *O Paiz* (p.4): “a conferência foi muito aplaudida pelo numeroso auditório, que incluía, além das representantes das mais importantes associações femininas do Rio, vultos de destaque no mundo literário, científico e social”. A única crítica encontrada nas fontes pesquisadas discorrendo sobre essa primeira conferência da Liga foi a veiculada no jornal *Gazeta de Notícias*, na qual o jornalista designado para fazer a cobertura assim a descreveu:

[...] essa peça incolor, desconexa, por vezes anti-gramatical, foi um pesado libelo contra a própria moral contemporânea e a religião, contra a política, os homens e, em parte, contra as próprias mulheres. [...] Essa conferência, em suma, cujo reclamo atraiu muitos curiosos, no salão do Lyceu, em nada contribuiu, com o devido respeito, para o destino intelectual da mulher. (*Gazeta de Notícias*, 03/01/1921, p.3).

Outra versão foi dada pelo *O Imparcial*, que assim relatou: “não se regatearam aplausos à distinta escritora patricia, em virtude da forma elegante, porque soube encarar o assunto, referindo-se quer aos fins sociais da Liga, quer aos ideais da mulher moderna” (*O Imparcial*, 03/01/1921, p.3). O periódico *O Paiz* também teceu elogios à conferencista quando da sua partida, em

14 Além dessa, também foram concedidas conferências para a Sociedade Theosophica, no salão do *Jornal do Comércio*, no dia primeiro de janeiro de 1921, na qual Maria Lacerda falou sobre a fraternidade e a escola (*Gazeta de Notícias*, 02/01/1921, p.2) e outra para a loja maçônica Isis, do Supremo Conselho Universal Misto, no dia 06 de janeiro, ambas muito concorridas, tal como foi divulgado no jornal *O Paiz* (08/01/1921, p.11). Nessa mesma matéria se pode ler que o presidente da loja maçônica, além de enaltecer a oradora, declarou: “que a seção brasileira da maçonaria mista estava plenamente solidária com a campanha que pela emancipação intelectual da mulher vem realizando a ilustre conferencista”.

nove de janeiro, de volta para Barbacena, publicando um resumo de todas as conferências de Maria Lacerda, a começar pela

[...] promovida pelos theosophistas [...] emocionou o auditorio até as lágrimas. Toda a sala vibrava em unísono com a oradora: era um ambiente delicioso. Na 2ª, a do Lyceu de Artes e Ofícios, em prol da emancipação da mulher, foi arrebatadora: eletrizou a audiência que era numerosíssima, proferindo verdades incontestáveis, sobre a odisseia que passam as nossas patrícias pelo interior do país. Foi um verdadeiro sucesso. (*O Paiz*, seção Religião, 10/01/1921, p.9).

Curioso observar que, apesar de ser contra a influência religiosa da Igreja Católica na vida das brasileiras, Maria Lacerda buscou o apoio de grupos religiosos não tradicionais para as suas propostas, uma vez que pede “a colaboração dos maçons e dos theosophistas para a realização do empreendimento altruísta que a Liga para emancipação intelectual da mulher acaba de iniciar” (*O Paiz*, 08/01/1921, p.11).¹⁵

O sucesso da primeira conferência da Liga parece ter entusiasmado Maria Lacerda, que em 1921 – logo após sua mudança para São Paulo – resolveu fundar, em dois de dezembro, a *Federação Internacional Feminina* (FIF), com o objetivo similar de educação intelectual e moral da mulher com fins à sua emancipação. Em carta enviada para a LEIM, Maria Lacerda comunicou a fundação da FIF nos seguintes termos:

Os nossos ideais se confundem com os vossos, estão dentro do programa da ‘Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher’. Vimos, pois, estender-vos as mãos para o trabalho em conjunto em prol desses ideais tão bem defendidos pela clarividência do vosso formoso talento e da vossa energia consciente. (Carta manuscrita de Maria Lacerda de Moura a Bertha Lutz, dez/1921. *Arquivo Nacional – Fundo FBPF – Documentos Privados, Seção Administração, Correspondências, Cx. 9, Pac. 1, Dos. 16*).

Maria Lacerda ficou à frente da FIF por pouco tempo, pois, segundo suas próprias palavras, “Dois anos de experiências diárias me fizeram recuar ‘para todo o sempre’ de associações femininas. Hoje de quaisquer associações...” (apud LEITE, 2005, p.39). Em janeiro de 1926, desabafou em carta para uma amiga:

Quanto ao movimento feminista – retirei logo. Não é nada disso que o meu espírito irrequieto e atormentado deseja. Uma desilusão não diria, mas, uma experi-

15 Segundo Miriam Leite (1984, p.10): “Dado o poder político e a atração que a Igreja nunca deixou de ter, o anticlericalismo dos espíritas desenvolveu-se como força de oposição clandestina, abrigada por sociedades secretas, principalmente através de lojas maçônicas, que, em muitas cidades brasileiras, contrapõem à Igreja a liberdade de pensamento, a tolerância religiosa e uma visão científica do mundo. Entre esses sistemas de crença e poder, a sociedade teosófica apareceu também como uma forma de doutrina secreta, resultante de antiga tradição hindu de ocultismo, de domínio da natureza por forças espirituais. Explica as desigualdades da vida, na distribuição da felicidade e seu contrário, por um princípio de merecimento, através de opções feitas pelos indivíduos. O alvo da teosofia é atingir uma sabedoria que leve à autorrealização, através do conhecimento do verdadeiro ser”.

ência mais fecunda me veio de todo esse movimento. Retirei-me e creio que para sempre: trabalho sozinha, publico meus livros, assumindo, corajosamente, a responsabilidade dos meus ideais e – individualismo... (Carta endereçada à escritora portuguesa Ana de Castro Osório *apud* LEITE, 1997, p.241).

Contudo, em dezembro de 1921, Maria Lacerda encontrava-se ainda entusiasmada com a parceria com Bertha Lutz, tanto que lhe remeteu outra carta de São Paulo, de caráter pessoal, ao mesmo tempo em que a congratulava dando “Parabéns entusiásticos pela sua atitude em relação ao voto [...]. Esplêndida! Magnífica”,¹⁶ também reclamava para Bertha:

Não concordo apenas e em absoluto com o seu silêncio para comigo. Desejo saber tudo quanto faz, os seus projetos, etc. Devemos trabalhar juntas. Aqui tenho feito alguma coisa, porém não conheço bem o meio e luto com contratempos e tropeços e com o tradicionalismo e o preconceito. Ajude-me a desbastar esse empecilho na sua terra, ou melhor – na nossa terra. (Carta manuscrita de Maria Lacerda de Moura a Bertha Lutz, 19/12/1921. *Arquivo Nacional – Fundo FBPF – Documentos Privados, Seção Administração, Correspondências, Cx. 9, Pac. 1, Dos 16*).

Essa carta parece indicar que certo distanciamento – entre Lutz e Lacerda – estava começando e, nesse caso, por iniciativa de Bertha. Apesar de o começo da parceria entre elas ter sido auspiciosa, Míriam Leite (1984, p.39) salienta que “logo ficaram patentes as reservas da líder do Rio de Janeiro diante do radicalismo que se acentuava em direção diferente na escritora mineira, já então residindo em São Paulo.” Esse distanciamento ou corte nas relações, entre Maria Lacerda de Moura e Bertha Lutz, parece ter sido radical e total, uma vez que Moura nem mesmo citou essa amizade em sua autobiografia escrita poucos anos depois, em 1929, tal como informa Míriam Leite (1984, p.37). No caso de Bertha, tudo indica que partiu dela a decisão de dar um fim à relação com Moura, como se percebe pelo teor da carta enviada por Maria Lacerda, referida acima, em que estranha o silêncio de Bertha para com ela. Outro fato que vem a corroborar essa conclusão é que, quando da visita de Bertha à cidade de São Paulo, acompanhando a líder feminista americana Carrie Chapman Catt, em 1923, ela “não mais se dirigiu a Maria Lacerda de Moura, nem às instituições de que participava” (LEITE, 1984, p.42). Nesse mesmo ano, Maria Lacerda publicou o livro *A mulher moderna e o seu papel na sociedade atual e na formação da civilização futura*, no qual se pode conferir o relato de suas discordâncias com os rumos do movimento feminista:

Cheguei à conclusão de que o meio não é a associação, não é a união das mulheres para a defesa dos seus direitos que elas confundem com velharias e cumplicidades reacionárias. Ao falar em direitos só lhes ocorre o voto, o qual deveria ter sido

16 Provável referência ao empenho de Bertha Lutz para a aprovação da emenda propondo a concessão de voto às mulheres, dos deputados federais Bethencourt Filho e Nogueira Penido, apresentada ao Congresso Nacional em 28 de outubro de 1921.

reivindicado há 100 anos atrás... Agora, já não é mais de votos que precisamos, e sim de derrubar o sistema hipócrita, carcomido, das representações parlamentares escolhidas pelos pseudos representantes do povo, sob a capa mentirosa do sufrágio, uma burla como todas as burlas dos nossos sistemas governamentais, uma superstição como tantas outras superstições arcaicas [...] qualquer feminismo não passa de um elo diminuto da formidável corrente do direito natural. O problema humano está acima das reivindicações de um sexo ou de uma classe. (MOURA *apud* ABREU, 2009, p.17).

O afastamento das duas personagens pode ser mais bem compreendido se levarmos em conta que Bertha Lutz já não via com bons olhos os atos mais veementes de Leolinda Dalto, e que tudo leva a crer que sua associação com Maria Lacerda de Moura tenha sido iniciada como uma forma de se desvincular de qualquer associação com o “mau feminismo” que estava vinculado à figura de Dalto. Discorrendo sobre este tema Céli Pinto salienta que:

Preocupada com os problemas que as mulheres estavam vivendo em decorrência da industrialização e da urbanização, [Maria Lacerda de Moura] aproximou-se, mas logo afastou-se da sufragista Bertha Lutz, que, segundo ela, lutava por uma causa que iria beneficiar poucas mulheres, sem trazer vantagens alguma à multidão feminina. (PINTO, 2003, p.36-37).

Tanto a aproximação quanto o afastamento de Lutz e de Moura foram importantes para a organização do movimento feminista liderado por Bertha. A aproximação entre elas – no final de 1920 – parece ter sido a responsável por grande parte das diretrizes que Bertha iria tomar à frente da Liga, e seu afastamento – a partir do final de 1921 – também expôs os limites a que Bertha não estava disposta a cruzar pela causa feminista. Um desses limites foi definido pela posição radical de oposição à Igreja Católica demonstrada por Maria Lacerda de Moura, uma vez que Bertha, mais do que confrontação, buscava a conciliação para atingir os seus objetivos.

Bertha Lutz seguia procurando novas parcerias para a Liga, e uma das mais importantes – a que veio modificar e moldar o estilo de sua ação – foi a aproximação com o movimento internacional, e de modo mais específico com o movimento estadunidense, na figura de uma de suas principais líderes, Carrie Chapman Catt. Mas essa é outra história.

Referências

ARQUIVO NACIONAL – **Fundo BFPF** – Documentos Privados, Seção Administração, Série Correspondências.

ABREU, Maira Luisa Gonçalves de. Arqueologia do feminismo no Brasil: origem e usos do vocábulo “feminismo” entre as décadas de 1890-1920.

In: 4º PRÊMIO CONSTRUINDO A IGUALDADE DE GÊNERO – **Redações e artigos científicos – 2009**. Menção Honrosa. Brasília: Presidência da República, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2009. Disponível em: <memoria.cnpq.br/premios/ig.../mencao_maira_luisa_goncalves.DOC>

ALVES, Branca Moreira. **Ideologia e Feminismo. A luta da mulher pelo voto no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1980.

BESSE, Susan. **Modernizando a Desigualdade Reestruturação da Ideologia de Gênero no Brasil: 1914-1940**. São Paulo: Edusp, 1999.

HAHNER, June E. **A Mulher Brasileira e suas Lutas Sociais e Políticas. 1850-1937**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HAHNER, June E. **Emancipação do Sexo Feminino. A luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940**. Florianópolis: Mulheres, Santa Cruz: EDUNISC, 2003.

KARAWJCZYK, Mônica. **As filhas de Eva querem votar**. Dos primórdios da questão à conquista do sufrágio feminino no Brasil (c.1850-1932). 398 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. A documentação de Maria Lacerda de Moura (1887-1945). **Revista brasileira história**, v. 17, n. 33, p. 238-250, 1997.

LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. **Maria Lacerda de Moura. Uma feminista utópica**. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

LEITE, Míriam Lifchitz Moreira. **Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura**. São Paulo: Ática, 1984.

LÔBO, Yolanda. **Bertha Lutz**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2010.

MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. Elas também desejam participar da vida pública: várias formas de participação política feminina entre 1850 e 1932. **Gênero**, Niterói, v.4, n.2, p. 149-169, 1.sem. 2004.

MELO, Hilda Pereira de; MARQUES, Teresa Novaes. Partido Republicano Feminino – A construção da cidadania feminina no Rio de Janeiro. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2000.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

ROCHA, Elaine Pereira. **Entre a pena e a espada: a trajetória de Leolinda Daltro (1859 – 1935) – patriotismo, indigenismo e feminismo**. 2002. 335 f. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

SCHUMAHER, Shuma, BRAZIL, Érico Vital (Org.). **Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SOIHET, Rachel. **O Feminismo tático de Bertha Lutz**. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

Recebido em 25 de março de 2014

Aprovado em 3 de julho de 2014